

A SALA DE AULA, O ESPAÇO DA ENUNCIÇÃO ESCRITA

CLASSROOM, THE SPACE OF WRITING ENUNCIATION

Aline Wieczikowski Rocha¹

Catiúcia Carniel Gomes²

Resumo: *Este trabalho apresenta um estudo sobre o ensino de escrita, a fim de examinar o comportamento textual do locutor-aluno que passa a sujeito-autor no emprego efetivo da língua. Interessa-nos um ensino de escrita que prime pela inserção do aluno em uma posição de autoria e posicionamento social por meio da língua. Para tanto, propomos a análise de uma produção textual do gênero crônica de um estudante do Ensino Médio, no intuito de observarmos a mobilização singular da língua pelo sujeito, em dada situação e em um dado tempo, isto é, o modo como o locutor se apropria da língua e marca seu posicionamento através de “índices específicos” e “procedimentos acessórios”. Além disso, observamos como o domínio do gênero legitima o discurso proposto. O aporte teórico que fundamenta nossa concepção pedagógica encontra-se amparado nas reflexões de Émile Benveniste, principalmente as que refletem sobre o Aparelho formal da enunciação (2006), e Mikhail Bakhtin, especialmente no ensaio Os gêneros do discurso (2011). Considera-se, portanto, que as relações do locutor com a língua determinam a relação do sujeito consigo mesmo e com o mundo, por meio de enunciados de natureza diferenciada. Logo, a escrita, como forma complexa do discurso, deve ser mediada pelo professor, interlocutor e avaliador de toda produção. Ademais, a realização da situação de escrita precisa da leitura dos gêneros discursivos, para que o estudante compreenda as diferentes formas dos sintagmas da língua e produza o sentido do seu discurso.*

Palavras-chave: *Gênero discursivo; Enunciação; Escrita; Ensino.*

Abstract: *This paper presents a study on writing teaching in order to examine the textual behavior of the student who becomes the author at the language effective use. We are interested in a writing teaching that puts the student in a position of authorship and social positioning through the language. Therefore, we propose the analysis of a chronicle written for a high school student in order to observe the singular use of the language by the subject in a specific situation and time, we want to see how the user of the language appropriates of it and marks his or her positioning through "specific indexes" and "accessory procedures". Besides, we observed how the domain of the genre chronicle legitimates the proposed speech. The theoretical contribution that supports our pedagogical conception comes from Émile Benveniste, mainly that which reflects on the Formal apparatus of enunciation (2006), and Mikhail Bakhtin, especially in the essay The genres of discourse (2011). It is considered, then, that the announcer's relations with the language determine the subject relation with itself and with the world, through statements of differentiated nature. Therefore, the writing, as a complex form of speech, must be mediated by the teacher, who is the interlocutor and evaluator of all discursive production. In addition, for the realization of writing situation is necessary the reading of the discursive genres, in order to make the student understands the different forms of the syntagmas of the language and produces the meaning of his or her discourse.*

Keywords: *Discursive genre; Enunciation; Writing; Teaching.*

1 Introdução

O processo de ensino de texto abrange um contexto educacional complexo, que engloba desde as concepções teóricas até as condições de ensino. É importante que a escrita

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Passo Fundo, Brasil, e-mail: aline.wiec@gmail.com

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Passo Fundo, Brasil, e-mail: catiuciacarnielgomes1@gmail.com

pertença ao cotidiano da esfera escolar, como prática de aprendizagem. Por isso, a leitura e a escrita devem ser um compromisso de todas as áreas do conhecimento e de todas as etapas de ensino.

Se tomarmos os documentos que orientam o ensino de Língua Portuguesa, os Parâmetros Curriculares Nacionais e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular³, veremos que o texto é objeto de ensino, e que há uma vertente teórica que norteia esse trabalho. Assim, desde a década de 90, o eixo teórico está atravessado por uma perspectiva enunciativa. Os Parâmetros Curriculares Nacionais fazem referência direta às reflexões de Bakhtin para que se possa trabalhar os gêneros discursivos. Isso é um avanço importante para o contexto educacional brasileiro, haja vista que, enunciar em um documento que “Interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva” (BRASIL, 1998, p. 20), compromete o professor com uma atitude responsiva de igual caráter.

Nessa dimensão, inserir-se na abordagem bakhtiniana é partir do princípio de que o signo é social e também que há uma relação dialógica dos sujeitos envolvidos. Recuperando os termos de Bakhtin (2011), veremos que “Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. (p. 261). Nesse sentido, a marca do discurso teórico bakhtiniano presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais constrói uma visão de ensino que privilegia a utilização da língua em distintas instâncias da comunicação humana.

A concepção de língua adotada pelo documento é a de “um sistema de signos específico, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade”. (BRASIL, 1998, p. 20). Sendo assim, as questões históricas e culturais, próprias da língua, são basilares e devem ser respeitadas e projetadas para o espaço de sala de aula. Mais adiante, o documento explicita a concepção de gênero e sistematiza os aspectos que o compõem. Isso endossa a vertente bakhtiniana como principal norteadora na proposta de trabalho de língua materna ao longo dos anos da vigência desse documento. Fator que influencia no modo como os professores operam o ensino e na própria produção de recursos didáticos.

Vemos a Base Nacional Comum Curricular reiterar o posicionamento construído nos Parâmetros Curriculares Nacionais, além de potencializar a necessidade de um ensino interdisciplinar, focado na compreensão e utilização de diferentes linguagens, na medida em que observa que “aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente:

³ Ressalta-se que trabalharemos com a BNCC do Ensino Fundamental, pois não temos a aprovação da Base para o Ensino Médio. Acreditamos que a perspectiva será muito similar a já apresentada para o Ensino Fundamental.

amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social”. (BRASIL, 2017, p. 61). Nessa dimensão, o texto é também produto de uma interação social, marcado histórica e culturalmente.

Ao propormos este trabalho, queremos refletir acerca de duas posturas teóricas fundamentadas em perspectivas enunciativas. A primeira consolida a influência de Mikhail Bakhtin no modo de ver as práticas discursivas. A segunda é desenvolvida a partir dos pressupostos teóricos de Émile Benveniste. Nela, define-se a enunciação como processo de apropriação da língua, realizado por um locutor, a fim de tornar-se sujeito do seu discurso.

A perspectiva benvenistiana possibilita-nos olhar para o aparelho formal da enunciação e compreender como o sujeito mobiliza a língua para sintagmatizar e semantizar o discurso. Subsequentemente, valemo-nos dos pressupostos bakhtinianos para compreender a natureza do enunciado, social e historicamente construído, para, assim, refletir acerca das atividades humanas relacionadas ao uso da língua, as quais se efetivam por intermédio de enunciados, sejam eles orais ou escritos “concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2011, p. 261). Partindo desse posicionamento teórico, estabelecemos a análise de uma proposta de ensino de escrita e a produção de uma crônica como resultado dos processos de ensino e aprendizagem que consideram o discurso vinculado à realidade social. Dito isso, passamos à fundamentação teórica.

2 A produção textual como ato enunciativo

O teórico Émile Benveniste é considerado por seus leitores como o linguista da enunciação, embora sua produção não se limite a esse universo. Em seus *Problemas de linguística geral I e II*, encontram-se vários textos destinados a tratar da enunciação. No entanto, é no artigo *O aparelho formal da enunciação* (2006) que o linguista define o lugar da enunciação. Não há, em Benveniste, explicitamente, a definição do que seja texto, visto que é do discurso que o autor se ocupa.

Benveniste (2006) inicia esse artigo promovendo uma discussão sobre a importância dada pelas descrições linguísticas ao emprego das formas. O linguista ressalta que há uma grande diferença entre o emprego das formas e o emprego da língua, pois “são, em realidade, dois mundos diferentes, e pode ser útil insistir nesta diferença, a qual implica uma outra

maneira de ver as mesmas coisas, uma outra maneira de as descrever e de as interpretar”. (PLG II, 2006, p. 81). Isso faz ver a importância do trabalho com o emprego da língua, a fim de colocar o estudante em condições de maior familiaridade com o manejo da língua e, desse modo, em diferentes contextos comunicativos.

É fato que o emprego das formas é parte necessária de toda descrição. A diversidade das estruturas linguísticas é enorme, mas obedece a certos modelos determinados. A partir das descrições do emprego das formas, pode-se vislumbrar uma imagem aproximada do emprego da língua, pois esse emprego segue um certo padrão de funcionamento, pertencente a um paradigma que permite algumas escolhas morfológicas e de combinações de signos. Todavia, o emprego das formas não dá conta da dimensão discursiva da linguagem, assim, o sujeito ocupa uma posição em que não consegue apropriar-se plenamente do uso da língua; tarefa imprescindível na escola.

Quanto ao emprego da língua, é um mecanismo que afeta a língua inteira, conduzindo à noção de enunciação, a saber: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. (PLG II, 2006, p. 82). Isso demonstra que o emprego da língua é algo único e irrepetível. Nesse sentido, a enunciação é o ato de produzir um enunciado. É o fato de o locutor mobilizar a língua por sua responsabilidade e de seu modo. Nas palavras do linguista:

Coisa bem diferente é o emprego da língua. Trata-se aqui de um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira. A dificuldade é apreender este grande fenômeno, tão banal que parece confundir a própria língua, tão necessário que nos passa despercebido. (PLG-II, 2006, p. 82).

O autor refere-se ao emprego da língua utilizando-se da sequência vocabular “mecanismo” e “fenômeno” para definir o que entende por esse conceito. Fica claro que, sendo um mecanismo e um fenômeno, leva em conta o trabalho subjetivo de alguém que faz uso dessa língua. Empregar a língua, portanto, pressupõe mobilizá-la singularmente em dada situação e em um dado tempo. O emprego da língua é determinado pela relação do locutor com a língua, visto ser a partir dessa relação que os caracteres linguísticos da enunciação se apresentam.

Quanto ao aspecto da conversão individual da língua em discurso, Benveniste aborda o “sentido” que se dá em palavras, distinguindo essas noções e descrevendo sua interação. Nas palavras do linguista: “É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da

enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância”. (PLG II, 2006, p. 83). Semantizar implica em engendrar os domínios semiótico e semântico, com vistas a produzir uma língua-discurso.

Nesta proposta de trabalho, é de nosso interesse compreender como o estudante, sujeito da enunciação, maneja a língua para semantizar o seu discurso, ou seja, como ele se vale do mecanismo da língua para produzir sentido.

Como último aspecto, há o quadro formal de realização da enunciação. Aspecto no qual se tenta esboçar os caracteres formais da enunciação, a partir de sua manifestação individual. Esses caracteres são alguns necessários, enquanto outros são incidentais, ligando-se, portanto, à particularidade do idioma.

Isso posto, afirma-se que a língua antes da enunciação não é mais do que possibilidade de língua, ou seja, só se torna língua quando tomada por um locutor, num ato individual de enunciação. Após o ato da enunciação, a língua passa para a instância do discurso, que ao atingir o alocutário suscita uma enunciação de retorno. Vale ressaltar aqui que não importa o grau de presença desse alocutário, pois o locutor, ao se apropriar da língua, instaura um *tu* que assume essa posição de alocutário.

O locutor, ao assumir essa condição, o faz por uma necessidade de referir através do discurso. Dessa forma, a referência integra a enunciação. Há na enunciação uma relação entre um *eu*, aquele que profere a enunciação e um *tu*, ao qual o *eu* se dirige, que é o indivíduo que assume lugar de alocutário. Assim, o “eu” e o “tu” são “indivíduos linguísticos”, pois nascem de uma enunciação, e cada vez que se tem uma enunciação nova, eles designam algo novo. Para Benveniste, “na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo.” (PLG II, 2006, p. 84), desse modo, através do emprego da língua o locutor marca a sua posição com relação ao mundo e ao outro.

A enunciação fornece as condições para a instauração de lugares sintáticos que só são possíveis na e pela enunciação. De acordo com Benveniste (PLG II, 2006, p. 86): “Desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções”. Portanto, ao enunciar o locutor se apropria desse aparelho formal e instaura um *tu*, num aqui e agora, sempre únicos e sempre irrepetíveis.

A configuração desses elementos estabelece os índices específicos da enunciação, além disso, os procedimentos acessórios marcam a relação do sujeito com a língua e com o

mundo. Diz-se isso, pois há uma experiência da língua que marca o sujeito em sua enunciação e que lhe permite usar a língua a seu modo.

O modo como esse sujeito maneja a língua na organização do seu discurso interessa para o ensino de língua, uma vez que se pretende um sujeito autônomo e com princípio de autoria. Isso porque “Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como processo de *apropriação*” (PLG II, 2006, p. 84). Apropriar-se, nos termos benvenistianos, implica em tomar para si o aparelho formal da língua, visto que é por meio dele que se enuncia a posição de locutor, dando lugar à constituição do sujeito da enunciação.

3 Falar de texto é falar de gênero

Consideramos que tanto o filósofo quanto o linguista não tiveram como preocupação, em suas reflexões, a questão escolar, no entanto, acreditamos ser possível um deslocamento de seus estudos para pensar a questão do texto e, necessariamente, do gênero discursivo na escola. Acreditamos que as reflexões promovidas pelos autores reconhecem a existência de um sujeito mobilizador da língua em sua inter-relação com outros sujeitos. Essas reflexões, então, constroem um aporte teórico capaz de nortear o trabalho de ensino de língua na escola.

Todo texto pertence a um gênero discursivo, pois é fruto de uma relação do homem com a sociedade. Nesse sentido, pensar em ensino de língua, exige pensar na constituição dos gêneros discursivos e nas condições de convívio social de suas produções.

As considerações de Mikhail Bakhtin, no que diz respeito ao estudo dos gêneros do discurso, tornam-se relevantes a este trabalho pela presença reflexiva da concepção do enunciado enquanto possibilidade de uso da língua. Este uso é indissociável da vida, uma vez que o indivíduo se apropria da língua pela necessidade de enunciar. Um ensino de texto, no âmbito escolar, precisa construir as condições e a necessidade do sujeito de posicionar-se por meio da língua. Construir o seu posicionamento no mundo, então, por meio do texto, é o objetivo central da construção textual na escola.

Conforme Bakhtin (2011), os distintos campos da atividade humana relacionam-se sempre em função da linguagem. Para assim ser, seus integrantes precisam efetivar o emprego da língua e o fazem através de enunciados únicos, que reproduzem as condições específicas e as finalidades desses campos. Os gêneros do discurso são assim considerados porque a produção do enunciado, embora seja uma atividade individual, envolve um campo de

utilização da língua que elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados. Esse processo é determinante na organização dos gêneros do discurso e de sua heterogeneidade.

Na reflexão sobre o enunciado, Bakhtin estabelece as relações da língua com a vida, porque a língua só se realiza através dos enunciados e a vida só entra na língua porque acontece a concretização desses mesmos enunciados, trata-se, pois, de superar as concepções simplificadas da vida do discurso. Diante disso, pensar o texto inserido nesse contexto de gênero implica considerar a própria natureza do enunciado e sua esfera social.

Ao analisar a problemática do enunciado, o teórico apresenta sua base estrutural a partir de três elementos indissociáveis, a saber: o enunciado, carregado de um *estilo* (individual/geral), que se ancora em determinadas *unidades temáticas*, as quais se relacionam com determinadas *unidades composicionais*. Desse modo, falar de um *estilo* é considerar os elementos que o fundamentam, o *conteúdo temático* e a *construção composicional*. O discurso só concretiza sua existência na forma de enunciações, ou seja, está fundido em forma de enunciado.

Bakhtin (2011) assinala que, para que o enunciado obtenha uma resposta, a *conclusibilidade* se faz necessária, de modo que se torna insuficiente a compreensão do enunciado no sentido de *língua*. A possibilidade de resposta é assegurada por três fatores que estão ligados ao todo do enunciado: a exauribilidade do objeto e do sentido; o projeto de discurso ou vontade do discurso do falante; as formas típicas composicionais e de gênero do acabamento.

A exauribilidade está vinculada diretamente aos diferentes campos da comunicação humana e, portanto, é variável, como são variáveis os modos de se comunicar. Ligado diretamente a essa questão, encontra-se a vontade discursiva do falante, determinante do todo do enunciado e dos limites do que irá ser dito. O falante determina, também, a escolha da forma do gênero conforme a esfera da comunicação para construir o seu enunciado de acordo com suas intenções, ou seja, “A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero de discurso.” (BAKHTIN, 2011, p. 282). Portanto, o falante escolhe em seu repertório de gêneros aquele que melhor se enquadra em seus objetivos comunicativos. Nesse sentido, retomam-se as palavras do autor para defini-lo:

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero do discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas); pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do

falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero. (BAKHTIN, 2011, p. 282, grifo do autor).

Nesse sentido, os gêneros ocorrem a partir de enunciações concretas, produto da comunicação discursiva viva. É desse modo que se aprende a moldar o próprio discurso em formas de gêneros, e que se capacita a reconhecê-los no outro também. O ensino do gênero discursivo parte do (re)conhecimento da estrutura do gênero e das condições culturais de sua produção. Essa é uma operação necessária para capacitar o estudante na tarefa de construir seu discurso e, a partir de seu ponto de vista, o seu enunciado dentro dos gêneros reconhecidos.

A interação na composição dos enunciados revela as tonalidades dialógicas, ou seja, o processo de interação do indivíduo em relação ao outro. Para tanto, é preciso valer-se da língua para promover um direcionamento formal. Tais recursos, na acepção bakhtiniana, são usados em função da influência do destinatário e da sua resposta antecipada. Em virtude disso, a análise parte de um enunciado pleno na cadeia da comunicação discursiva.

Quando enunciamos, neste estudo, gênero discursivo, estamos assumindo o enunciado enquanto unidade mínima da comunicação discursiva, a língua em uso, proveniente da cultura e das necessidades dos interlocutores dessa cultura, que fazem do gênero um objeto ao mesmo tempo dinâmico e complexo. A heterogeneidade e maleabilidade do gênero discursivo fazem dele um produto das práticas sociais em permanente movimento de relação e cruzamento, e a análise de seu funcionamento cria o sentido do discurso. Essa contribuição bakhtiniana é referência no estudo do uso da linguagem como possibilitadora da comunicação verbal.

No que tange ao ensino, cabe à escola inserir o sujeito em diferentes esferas da comunicação humana. É papel da escola ampliar o universo linguístico dos estudantes, por meio da vivência de diferentes experiências de língua, que coloquem em jogo maneiras diferentes de se comunicar. O estudante precisa ser capaz de se inserir em múltiplos contextos letrados e de dar conta de construir e compreender diferentes gêneros.

Para sustentar nossa abordagem, inserimos no debate teórico Marcuschi, leitor de Bakhtin, em uma perspectiva escolar. Esse linguista reflete sobre os gêneros do discurso e orienta, com seu fazer científico, a prática do trabalho com o texto. Assim, devemos considerar que a produção discursiva não ocorre em unidades isoladas, pois sua existência vincula-se a unidades maiores reconhecidas como textos. Isso quer dizer que o texto é o material linguístico e concreto para a observação. Por estar além da frase, ele constitui uma

unidade de sentido com existência própria. Texto, então, precisa ser visto como “uma *unidade comunicativa* (um evento) e [...] uma *unidade de sentido* realizada tanto no nível do uso como no nível do sistema”. (MARCUSCHI, 2008, p. 76). A perspectiva enunciativa é a base do texto, que é resultado de um processo complexo e não linear.

Marcuschi (2008) reforça o fato de que a competência textual-discursiva é inerente ao indivíduo. Portanto, o papel de quem trabalha com o ensino de texto é compreender como ocorre o funcionamento dessa competência e, principalmente, como é possível fazê-la funcionar melhor. O ensino de texto deve ocupar-se da ampliação dos recursos linguísticos do sujeito, condição necessária para que possa produzir textos, bem como se posicionar em relação ao outro e à sociedade.

Marcuschi (2008) trabalha o texto paralelo ao discurso, sem distinções rígidas acerca desses dois elementos, em sua visão, “a tendência atual é ver um contínuo entre ambos com uma espécie de condicionamento mútuo”. (MARCUSCHI, 2008, p. 81). Portanto, os gêneros são elementos tipicamente discursivos que apresentam dois aspectos importantes: gestão enunciativa e composicionalidade.

O posicionamento teórico de Marcuschi, baseado em Bakhtin, compreende o uso da língua relacionado à própria atividade humana de enunciar. Então, olhar para os gêneros textuais é observar, sobretudo, em sua constituição, o funcionamento da língua e entender que toda ação linguística recorre a algum gênero. Assim, os gêneros textuais são, como bem lembra Marcuschi, “parte integrante da sociedade e não apenas elementos que se sobrepõem a ela”. (2008, p. 156). Por isso, os gêneros podem ser observados como sistema de controle social, já que legitimam os discursos. Isso intensifica a responsabilidade de ensinar o estudante a manusear a língua na produção do discurso.

No âmbito deste trabalho, a questão do gênero discursivo não concorre para uma ideia de enquadramento classificatório dos textos. É importante situar o papel do gênero em uma vertente discursiva justamente para que se possa orientar o estudante mediante o processo de apreensão do discurso.

4 O processo de ensino de texto: uma análise

A escrita selecionada para este estudo é fruto de um trabalho desenvolvido em uma turma da primeira série do Ensino Médio. A produção foi realizada após o trabalho de reconhecimento do gênero em sala de aula e de reflexão acerca dos procedimentos acessórios

utilizados no gênero em questão. Cumpre destacar que o trabalho de reconhecimento contou com a leitura de diferentes crônicas, de distintos veículos de comunicação, a fim de compreender o objetivo dessas unidades comunicativas como unidades de sentido. Na sequência, promoveu-se um seminário dessas leituras, para que os estudantes tivessem a oportunidade de apresentar os elementos constitutivos do gênero.

Quanto aos procedimentos acessórios, coube ao professor a tarefa de construir com os estudantes a compreensão do que Benveniste denomina como as *grandes funções sintáticas*, ou seja, compreender o agenciamento dos elementos linguísticos presentes no gênero crônica. Essas funções ancoram marcas procedimentais que unem semiótico e semântico na enunciação. Por essa razão, é importante para o estudante compreender que a singularidade do dizer constitui-se no modo como o locutor se faz presente na língua, para trabalhar o seu discurso e acessar o outro na tentativa de convencê-lo sobre dado comportamento.

A produção enquadra-se no gênero crônica. O trabalho teórico anterior à escrita objetivou compreender esse gênero nas esferas de comunicação em que circula, bem como perceber como se dá o manejo da língua nesse texto, evidenciando, com isso, o seu estilo de escrita. Nessa dinâmica, o trabalho do professor consiste em conduzir à compreensão de que o gênero é uma construção social marcada historicamente. Nesse sentido, inserir os estudantes em contextos de comunicação em que o gênero crônica se faz presente é fundamental. Uma vez realizado o trabalho de leitura e análise de diferentes crônicas, os estudantes foram convocados a se apropriar da língua e se enunciar, a partir da seguinte proposta de escrita:

Proposta Texto – Crônica

Lixo urbano

Jairo Augusto Nogueira Pinheiro

Desde o surgimento dos primeiros centros urbanos, a produção de lixo se apresenta como um problema de difícil solução. A partir da Revolução Industrial, com a intensificação da migração dos trabalhadores do campo para a cidade, aumentaram as dificuldades referentes à produção de resíduos sólidos de diferentes naturezas (domésticos, industriais, serviços de saúde, etc.). (...)

Os excedentes vão se acumulando cada vez em maior escala, colocando a questão do lixo urbano como uma das mais sérias a ser enfrentada atualmente. Com a elevação da população e, principalmente, com o estímulo dado ao consumismo, o problema tende a se agravar. (...)

A grande preocupação em torno do destino do lixo se dá principalmente em face da sua característica de inesgotabilidade, comprometimento de grandes áreas e pela sua complexidade estrutural, devido à grande variedade de materiais, desde substâncias inertes a substâncias altamente tóxicas. A heterogeneidade é uma das características principais dos resíduos sólidos urbanos, que apresentam uma composição qualitativa e quantitativa muito variada. Essas variações ocorrem geralmente em função do nível de vida e educação da população, do clima, dos modos de consumo, das mudanças tecnológicas, etc. (...)

(Texto adaptado de <http://www.webartigos.com/articles/10684/1/Lixo-Urbano/pagina1.html>)

Proposta de produção textual

Conforme o estudo desenvolvido ao longo das aulas, compreendemos que a crônica é um gênero discursivo baseado na observação e no relato de fatos cotidianos. Para isso, o autor manifesta sua perspectiva e oferece uma interpretação que revela ao leitor algo que não é percebido pelo senso comum. A crônica pode apresentar elementos básicos da narrativa (fatos, personagens, tempo e lugar) e tem como uma de suas tendências tratar de acontecimentos característicos de uma sociedade.

*Com base nesse conhecimento, escreva uma crônica para ser publicada em uma revista semanal, **discutindo a questão do lixo na atual sociedade de consumo.***

Diante dessa proposta, os estudantes escreveram seus textos. Ao longo do processo de escrita, o professor mediou a reflexão dos projetos de textos dos alunos. Isso quer dizer que os estudantes construíram um planejamento da escrita de forma esquemática para ser entregue ao professor. Mediante às observações do professor, no nível da organização das ideias, os estudantes passaram do projeto de texto para a produção de uma primeira versão de seus textos. Posteriormente, os estudantes foram convidados a realizar uma experiência sociointerativa de seus textos. Um dos aspectos centrais nesse processo é promover a inter-relação entre os indivíduos com a situação discursiva. Após essa prática discursiva, os estudantes, seguindo as sugestões dos leitores-colegas, escreveram a versão final de seu texto. Dentre os textos produzidos, escolhemos para este estudo apenas um para ser analisado. Na sequência, apresentamos o texto escolhido.

Texto – Crônica

Circo consumista

Dell, Nokia, Sony, Nike, Gap, Risqué, L'oreal, Apple, Bottero, Viamarte, Mattel, Coca-Cola, Pepsi, Nestlé, Addidas. Diferentes marcas, um destino comum: lixo.

A quantidade de marcas é reflexo do consumismo que vem se desenvolvendo e aumentando na atualidade. Essa vontade louca de comprar chega sorrateiramente e não é fácil para o ser humano ignorá-la. Como poderia?

Mesmo que, inicialmente, não sejamos consumistas o mercado faz malabarismos para nos tornar. Televisão, rádio, panfletos, alegorias com a finalidade de chamar sua atenção, hipnotizá-lo, seduzi-lo. A vida vira espetáculo circense com todos os números gritando “Olhe para mim! Impressiona-se comigo! Você precisa ver isso!” e, então vem o mágico com seus truques que deslumbram a todos e a plateia vai à loucura. O mágico os engana e eles riem!

Entretanto, ainda não há show que dure para sempre. O respeitável público aplaude, as pessoas vão embora, apagam-se as luzes e o circo segue viagem, deixando para trás...lixo, é claro.

Assim como tudo na vida, o consumismo tem consequências e uma das mais problemáticas é o lixo gerado por esse exagero.

Lixo, o destino comum do qual falava anteriormente, não é um assunto que alguém goste de discutir, tão desagradável quanto o cheiro do lixão. Para que falar de lixo? Já passou, acabou, é só lixo, vamos todos nos divertir com nossos incontáveis produtos e marcas e que morra o assunto! Não devia ser assim.

O problema vem aumentando é mais sério do que se pensa, talvez o mais sério a ser enfrentado atualmente. O que fazer com o lixo?

Porém, há esperança, e o nome dela é Reciclagem. 237 cidades brasileiras possuem coleta seletiva de lixo. Um número baixo, mas otimista e estimulante.

Até que esse tipo de projeto chegue a você não haveria mal algum em separar seu próprio lixo e o quanto antes, sair do circo consumista que o gera.

4.1 A análise

O processo de ensino de escrita é algo complexo a considerar as diferentes experiências de língua dos estudantes e as condições escolares de trabalho, com uma carga-horária, normalmente, limitada. Retomando a perspectiva de trabalho, tanto nos Parâmetros

Curriculares Nacionais, quanto na Base Nacional Comum Curricular, fica claro que a prioridade deve ser a inserção dos estudantes em contextos letrados diferentes, munindo-os, assim, de um acervo linguístico e de gênero que dê conta de fazê-los interagir em diversos contextos sociais.

Nesta proposta de trabalho, os estudos enunciativos perpassam a sua construção. Ao oportunizar aos estudantes o contato anterior com o gênero crônica e ao colocá-lo como centro de reflexão, o professor demonstra uma preocupação em fazer os estudantes compreenderem a natureza geral do gênero crônica. Nesse sentido, a preocupação não incide unicamente na construção composicional do gênero, mas sim em seu contexto social de utilização, o que se evidencia no trabalho de reconhecimento do gênero anterior à escrita.

A proposta de escrita prioriza a discussão sobre a temática a ser desenvolvida no texto, ao mesmo tempo em que permite uma interpretação subjetiva do estudante no ato de sua produção. Retomar alguns elementos do gênero torna-se importante a considerar que esse tipo de texto não faz parte do contexto de escrita habitual dos estudantes, e isso se concretiza, tanto pelo reconhecimento, quanto pelo processo de interação entre os estudantes, durante a partilha de conhecimentos na primeira versão da escrita.

A produção textual intitulada “Circo consumista” evidencia uma interpretação da proposta de forma única e irrepetível. Isso marca uma posição argumentativa do estudante com relação ao tema. Trata-se, então, de construir articulações com as formas da língua, movimentando, assim, o caráter semiótico para produzir algo de próprio, o sentido, a natureza do irrepetível da enunciação. O estudante busca, para a construção de seu texto, elementos trabalhados em aula e apresentados na proposta, no intuito de atingir o objetivo comunicativo proposto.

Ao se apropriar da língua e se enunciar na forma escrita, o locutor-aluno instaura os índices específicos da enunciação (tempo e pessoa) e se utiliza de procedimentos acessórios para constituir-se como sujeito de seu texto, imprimindo sua autoria. O texto demonstra que o estudante não só faz uso das formas da língua como também sabe empregá-las em prol de uma construção referencial em relação ao tema e ao gênero propostos. Diz-se isso, pois há uma experiência de língua que marca o sujeito em sua enunciação e que lhe permite usar a língua a seu modo.

Interessa-nos, particularmente, o emprego dos procedimentos acessórios utilizados pelo estudante, pois eles demonstram o seu repertório linguístico, proveniente de suas experiências de língua. Essas formas da língua são engendradas de modo a semantizar

singularmente o discurso do estudante. Isso é perceptível pela construção de um referente com relação ao tema desde o início do texto. Reiterando o modo de ver do linguista sírio, “A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua, é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente” (BENVENISTE, 2006, p. 84). Assim, ao apropriar-se da língua, o estudante constrói um posicionamento contrário ao consumismo verticalizado no texto, isso gera a construção referencial acerca da temática do lixo a qual é produto central da proposta de produção.

Na escrita locutor e alocutário são autor e leitor, portanto, a escrita supõe o tempo de leitura. A referência à situação do discurso aponta para o nível de informação e para a competência de leitura do sujeito-autor⁴, demonstrada, especialmente no terceiro parágrafo do texto, com o conhecimento do gênero publicidade, como influenciador do consumo. Ademais, a leitura de outras crônicas é perceptível na organização interna do texto, em seu arranjo sintagmático em busca do semântico.

A linguagem utilizada pelo estudante demonstra sua interação com o gênero crônica, especialmente na sintagmatização de “Olhe para mim! Impressiona-se comigo! Você precisa ver isso!”, representando o discurso oralizado do outro em seu texto. Ainda que o estudante demonstre algumas falhas da sintaxe da língua, devemos reconhecer o modo próprio de semantizar, isso é demonstrativo de que “A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso. Aqui a questão – muito difícil e pouco estudada ainda – é ver como o ‘sentido’ se forma em ‘palavras’[...]” (BENVENISTE, 2006, p. 83). Há uma noção clara, por parte do estudante, de que o modo como usa a língua é que permite dizer algo a alguém. Ademais, é esse modo de uso que, ao mesmo tempo, particulariza o texto e faz dele uma crônica.

A utilização de frases curtas, de questionamentos e de citação de oralidade fazem com que o texto cumpra com seu objetivo comunicativo, ao passo que molda a configuração do gênero em si. Segundo Marcuschi, “Toda e qualquer atividade discursiva se dá em algum gênero que não é decidido *ad hoc*, como já lembrava Bakhtin [...] em seu célebre ensaio sobre os *gêneros do discurso*. [...] os gêneros são também necessários para a interlocução humana” (2008, p. 161).

⁴ Destacamos a diferença conceitual entre locutor-aluno e sujeito-autor. Utilizamos locutor-aluno para construir a situação do ato enunciativo, ao passo que sujeito-autor refere-se à produção escrita da situação enunciativa, pois é da situação que se apreendem os recursos, ou seja, os instrumentos linguísticos.

O que presenciamos é o estudante valendo-se do sistema da língua para produzir o seu discurso. Assim, o professor consegue visualizar como o estudante desenvolve sua competência de apropriação do sistema da língua para transformá-la no nível do discurso. Aí está o lugar da sua semantização. Nisso entram em jogo as construções linguísticas das quais dispõe.

É pela conversão da língua em discurso que vemos a singularidade do texto, já que, ao convertê-la, o sujeito demonstra o seu repertório linguístico e cultural em direção ao seu princípio de autoria. Evidenciamos isso em alguns momentos do texto, a exemplo da escolha do recurso linguístico comparação, na analogia circo e consumo, elucidado em sua escolha vocabular (mágico, espetáculo, malabarismo, show, público, aplaude, apagam-se as luzes), para enunciar a sua posição de sujeito acerca do tema consumismo. Essa singularidade também está presente na enumeração que introduz o texto e que recebe sentido, anaforicamente, ao fim do parágrafo.

Nesses procedimentos acessórios, que convergem aspectos dos domínios semiótico e semântico da língua, o estudante procede, estabelece processo enunciativo de forma única. Tais procedimentos imprimem a autoria do estudante, sujeito desta enunciação.

Evidencia-se na produção escrita a relevância do trabalho com o texto em sala de aula, visto que ensinar o objeto texto escrito convoca um aparelho formal que deve ser apreendido, que não é, portanto, inato ao sujeito. Assim, a situação enunciativa de sala de aula deve estabelecer-se em uma relação de interlocução, cujas condições de linguagem devem estar presentes para que o estudante construa o seu lugar enunciativo: o de alguém que escreve para outro alguém; de alguém que utiliza a língua para dizer algo a alguém. Nas palavras de Benveniste: “É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem”. (PLG I, 2005, p. 285).

O texto em análise mostra a passagem de um locutor a sujeito de sua enunciação na medida em que mobiliza a língua a seu modo e constrói sua relação com o mundo, visando atingir um outro que é, em sua escrita, interlocutor-leitor.

5 Considerações finais

Consideramos, portanto, que os documentos vigentes podem dar um suporte para o trabalho de texto em sala de aula. No entanto, isso só é possível a partir de um aprofundamento teórico proveniente de estudo e formação continuada. As teorias enunciativas

aqui apresentadas podem subsidiar pressupostos para um trabalho de ensino de texto voltado para o uso efetivo da língua e para a construção de um estudante capaz de interagir socialmente em diferentes contextos, marcando a sua posição de sujeito.

O espaço de sala de aula é próprio para construir a situação de enunciação. A escrita, como forma complexa do discurso, deve ser orientada. Assim, se a situação escrita supõe o tempo de leitura, a leitura dos gêneros discursivos passa a ser fundamental para que o estudante compreenda as diferentes formas de arranjar os sintagmas da língua em direção à produção do sentido do seu discurso.

O papel do professor encontra-se em sua atitude responsiva mediadora da produção, seja como interlocutor, seja como avaliador. Essa posição de interlocutor coloca o professor em uma função fundamental no processo de escrita, pois constitui a intersubjetividade inerente à enunciação. Logo, trabalhar com o texto, significa que o professor precisa (re)conhecer os procedimentos acessórios de seu próprio texto e do texto do outro em diferentes circunstâncias comunicativas, para, então, inserir-se em um processo de ensino, que o habilita a avaliar outros textos.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BENVENISTE, É. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Pontes, 2006, p. 81-92.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular BNCC - Versão final**. Brasília, DF, 2017.

MARCUSCHI, A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Data de recebimento: 31 de maio de 2018

Data de Aceite: 3 de outubro de 2018